

DISCURSO, MÍDIA
JORNALÍSTICA E
RELAÇÕES DE PODER

FORMAS DE ENUNCIAR
SOBRE OS ADOLESCENTES
VÍTIMAS DE INCÊNDIO

Conselho Editorial

Viviane Bengezen – UFCAT, Goiás, Brasil

Dilma Mello – UFU, Minas Gerais, Brasil

Divanize Carbonieri – UFMT, Mato Grosso, Brasil

Grenissa Stafuzza – UFCAT, Goiás, Brasil

Ivan Marcos Ribeiro – UFU, Minas Gerais, Brasil

Leonardo Francisco Soares – UFU

Luciana Borges – UFCAT, Goiás, Brasil

Mariano Dubin – UNLP, Buenos Aires, Argentina

Mariana Mastrella-de-Andrade – UnB, Brasília, Brasil

Shaun Murphy – USASK, Saskatchewan, Canada

Tania Ramos – UFSC, Santa Catarina, Brasil

Raquel Costa Guimarães Nascimento

DISCURSO, MÍDIA
JORNALÍSTICA E
RELAÇÕES DE PODER

FORMAS DE ENUNCIAR
SOBRE OS ADOLESCENTES
VÍTIMAS DE INCÊNDIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nascimento, Raquel Costa Guimarães

Discurso, mídia jornalística e relações de poder [**livro eletrônico**] : formas de enunciar sobre os adolescentes vítimas de incêndio / Raquel Costa Guimarães Nascimento. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024. – (*Linguagem, Cultura, Identidade*)

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-833-3

1. Análise de discurso 2. Jornalismo 3. Linguagem e línguas
4. Mídia 5. Violência - Aspectos sociais I. Título. II. Série.

24-217808

CDD-400

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem 400

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: do autor

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento
parcial ou total ou transmissão de qualquer
meio eletrônico ou qualquer meio existente
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha mãe, Eliene,
à minha avó Maria Aparecida,
às Mães de Maio do Cerrado e
às mães dos garotos do Ninho do Urubu.*

AGRADECIMENTOS

A meu marido, Lucimar, e meus filhos, Giovana e Guilherme, pelo apoio, amor, parceria e compreensão. Vocês foram o meu sustento nesses dias. Todo esse trabalho foi um pouco para vocês também.

A minhas irmãs, Núbia e Gisele, pela inspiração e admiração mútua.

Ao Prof. Dr. Antônio Fernandes Júnior, meu orientador nesta jornada. Sua generosidade e leveza me deram asas e paz, mesmo em períodos turbulentos. Agradeço pela paciência e disponibilidade, e pelas conversas ao telefone, um dos poucos recursos que tivemos no momento de escrita final desse texto. À Prof.^a Dr.^a Kátia Menezes de Sousa e Vinicius Dorne, pelas valiosas contribuições ao trabalho.

A todo o corpo docente, discente e técnico do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Goiás/Universidade Federal de Catalão, em transição.

Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem/ Universidade Federal de Catalão, que me encantaram durante a graduação, e, em especial, à Prof.^a Dr.^a Erislane Rodrigues Ribeiro, que me iniciou na pesquisa e escrita científica.

Aos amigos de jornada, em especial, Maximiano, Tainá e Marcelo. Foi muito importante compartilhar esse período com vocês.

À Léa Evangelista Persicano, pela primorosa leitura e revisão. Sua capacidade de lapidação textual foi fundamental para a finalização desse texto.

Ao Francisco de Assis Ferreira Melo, pelas contribuições na formatação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo fomento concedido para a pesquisa. A todos que de alguma forma contribuíram para esse trabalho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
DAS REPORTAGENS AO ACONTECIMENTO	21
APONTAMENTOS SOBRE RELAÇÕES DE PODER, SABER E MÍDIA JORNALÍSTICA.....	45
AS VOZES INFAMES E OS ENCONTROS COM O PODER.	77
A GESTÃO DA VIDA E DA MORTE E O DISCURSO JORNALÍSTICO	101
CONCLUSÕES?	129
REFERÊNCIAS	137

A PRESENTAÇÃO

A presente obra foi originalmente produzida como dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Catalão – como requisito para obtenção do título de Mestra em Estudos da Linguagem. Tem como objetivo compreender as relações de poder explicitadas nos discursos jornalísticos produzidos sobre dois incêndios e suas vítimas - dez adolescentes em cada caso - sendo o primeiro no Centro de Detenção em Goiânia (2018) e o segundo no Centro de Treinamento de futebol do Flamengo (Ninho do Urubu), no Rio de Janeiro (2019). São dois acontecimentos distintos, que receberam abordagens jornalísticas diferenciadas, envolvendo, de um lado, “jovens infratores” e, de outro, “promessas do futebol”. O enfoque recai, com mais ênfase, no primeiro caso, e o episódio do Rio de Janeiro é acionado para compreender como as posições sociais dos sujeitos (delinquente *versus* jogador de futebol) interferem no modo como o jornalismo e determinados segmentos sociais lidam com os sujeitos em conflito com a lei.

O material de análise é composto por dez reportagens relativas ao primeiro incêndio e uma sobre o segundo incêndio. Por meio delas, procurei entender o funcionamento discursivo de diferentes mídias e analisar a produção e a circulação dos

enunciados das matérias jornalísticas, cujos discursos ora culpabilizam as vítimas, preservam as instituições e reforçam o racismo de Estado, ora humanizam os mortos, apontando falhas nas políticas de segurança pública etc. A fundamentação teórica é a Análise do Discurso – enquanto suporte para uma metodologia descritivo-interpretativa e analítica –, sobretudo, as noções foucaultianas de enunciado, discurso, acontecimento discursivo, poder, biopolítica, as quais estão articuladas com reflexões sobre mídia, necropolítica e silêncio.

O livro se estrutura em quatro capítulos: no primeiro é feita uma introdução ao *corpus*, uma apresentação da análise de títulos e subtítulos das matérias jornalísticas selecionadas e dos sujeitos convocados a falar sobre o caso; no segundo aprofunda-se o olhar, com a descrição de enunciados que se evidenciam em notícias do jornalismo tradicional e a observação do que é repetido e do que é silenciado em cada uma delas; no terceiro são analisadas reportagens que narram os acontecimentos pela perspectiva dos familiares das vítimas e enfatizado como isso reformula o discurso sobre o acontecimento; no quarto capítulo é analisado como diferentes sujeitos são falados por esses canais de informação, e como a posição que ocupam na formação social interfere nos enunciados e discursos formulados a respeito deles. Por meio desse processo de análise discursiva, refleti sobre o que é mobilizado pelos discursos para a construção das notícias e como as relações de saber-poder demarcam lugares de sujeito, em dados suportes, culpabilizando-os, e, em outros, humanizando-os.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a violência e a segurança pública tem sido motivo de debates e pesquisas, tanto em âmbito acadêmico e político, quanto nos espaços sociais. Dentre as questões inerentes a esse tema, destacam-se discussões a respeito de adolescentes em situação de conflito com a lei, as quais já estão em pauta no Congresso Nacional desde 1993 e continuam a gerar dissensões. De um lado, há quem defenda um maior rigor na punição desses adolescentes e até mesmo a diminuição da maioria penal e, de outro, há quem alegue que é necessário um trabalho de proteção da infância e juventude, em especial daquelas em risco social, situação de pobreza e que vivam em regiões carentes, para que, resguardados pelo amparo social e educacional, essas crianças e adolescentes não cheguem ao mundo do crime, e, se chegarem, recebam tratamento diferenciado, de modo que tenham sua infância protegida.

Partindo dessas discussões e reverberando na sensação de impunidade sentida pela população frente à criminalidade, enunciados como “bandido bom é bandido morto” e “se está com pena, leva pra casa” ganharam expressão e repercussão nos últimos anos. Esses enunciados vêm sendo reafirmados por alguns segmentos da sociedade e contestados por outros, a cada vez que crimes, em especial aqueles cometidos por

sujeitos provenientes de classes com menor poder aquisitivo e/ou moradores de bairros periféricos, movimentem a mídia brasileira. Segundo Knew (2016, p. 31), essa “sensação de insegurança pela sociedade, dentre outros motivos, é atribuída a uma suposta percepção do aumento da participação de adolescentes em práticas infracionais”.

Essa suposta percepção e os discursos gerados a partir dela demarcam um momento político-social, cujas divergências são levadas a extremos. Indivíduos indesejáveis de acordo com a ordem social, assim como os corpos sob processo de penalidade, são tratados com hostilidade e relegados à indiferença e ao silenciamento, sobretudo por grupos defensores do discurso “bandido bom é bandido morto”.

Somam-se a isso o estado caótico da Segurança Pública Brasileira e a barbárie de um sistema prisional que há muito tempo dá sinais de colapso. Assassinatos, fugas, sequestros, rebeliões, greves de policiais e agentes penitenciários, além de manifestações de familiares de trabalhadores da área e de presos, nas quais as principais reivindicações estão relacionadas à segurança ou a direitos básicos como saúde.¹

O principal meio de acesso da população a informações sobre segurança pública e sistema prisional são os noticiários, sejam estes veiculados pela televisão aberta, em *sites* de jornalismo via *internet*, divulgados pelas mídias digitais ou redes sociais *online*. É por meio deles que emergem os debates e os discursos citados anteriormente.

No centro desses debates está o infrator, seja ele adulto ou adolescente. É ele o alvo do medo e o perigo a ser afastado

1. Ver: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/07/29/rebeliao-deixa-mortos-no-presidio-de-altamira-sudoeste-do-para.ghtml>; <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/05/31/manifestacao-de-esposas-de-pms-chega-ao-quinto-dia-parauapebas-e-mais-uma-cidade-a-registrar-protetos.ghtml>.

da sociedade. Entretanto, um indivíduo não é visto com desconfiança apenas após cometer um crime. A depender de sua origem social, aparência e cor de pele, a estigmatização acontece anterior e independente a qualquer ato, adquirindo diversos contornos, que vão da agressão física e verbal ao tratamento diferenciado por parte do judiciário e das forças policiais até a maneira como os negros são retratados nas produções culturais (Almeida 2019).

Em um estudo preliminar a este, pude refletir sobre essas questões ao observar, em um conjunto de *memes* conhecidos como “Nego isso, Nego aquilo”,² a forma como o racismo produz discursos que operam de modo a objetificar sujeitos negros como preguiçosos, tolos e não confiáveis. Em outro momento, na graduação, analisei o corpo infantil, negro e de aparência estigmatizada enquanto objeto de riso, em um *post* que circulou no *facebook* com o título: “Vendo um filhote de bandido”.³ Além da associação do negro a um animal e a um objeto a ser vendido, o que me inquietou neste trabalho foi a objetivação de uma criança como a miniatura de um bandido.

É comum a circulação de discursos que afirmam, entre outras coisas que a criança é o futuro, ou ainda que ela pode ser o que quiser, pois todas as possibilidades estão à sua frente. Mas, naquele *post*, por sua aparência, aquela existência em infância teve seu lugar social delimitado pelo discurso “ela será

2. Ao final, produzi um artigo a partir da pesquisa de iniciação científica, sob orientação da professora doutora Erislane Rodrigues Ribeiro, na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão (UFG/RC). Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/2306>. Acesso em: 10/09/2020.

3. Também escrevi um artigo a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Letras Português e Inglês, UFG Catalão, sob orientação do professor Antônio Fernandes Júnior. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/52108>. Acesso em: 10/09/2020.

– ou já é – um bandido”. E, como bandido, alvo do desprezo, do medo e do descrédito da sociedade.

Ainda pensando em sujeitos atravessados por discursos segregacionistas e os enunciados construídos sobre eles, nesta obra, tomo para análise um conjunto de reportagens a respeito de um fato que envolveu adolescentes em situação de conflito com a lei em Goiânia, capital do estado de Goiás. No dia 25 de maio de 2018, um incêndio no Centro de Internação que funcionava dentro do sétimo Batalhão de Polícia Militar, localizado no Jardim Europa, em Goiânia, matou 10 adolescentes que cumpriam medida socioeducativa.⁴

O caso foi noticiado pela imprensa, por meio de vários boletins, que incluíram as informações dadas pelas autoridades sobre a qualidade das instalações, o socorro às vítimas – ou a falta dele, a causa do incêndio – divulgada de imediato e confirmada com a apuração, de que os próprios adolescentes teriam ateado fogo em um pedaço de colchão, e posteriormente os desdobramentos jurídicos decorrentes do caso. Acompanhando o noticiário regional,⁵ minha comoção durava os minutos em que as imagens da TV estavam diante de mim. Uma reportagem do jornal *online Ponte*, entretanto, emocionou-me profundamente. Nela, diferentemente das anteriores, os familiares dos adolescentes vítimas do incêndio falaram sobre seu ente falecido, inclusive os atos infracionais cometidos, e sobre a perda e o luto. Foi apenas lendo essa reportagem que passei a questionar todas as anteriores e o modo como aquele fato nos fora anunciado. Os relatos e depoimentos fizeram-me indagar por que nenhuma outra reportagem havia me mostrado

4. Medidas socioeducativas são aplicadas a adolescentes de 12 a 18 anos que tenham cometido ato infracional e variam de advertência a internação máxima de três anos. Informação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 03/12/2020.

5. O programa televisivo pelo qual tive o primeiro contato com que é transmitido em Catalão, onde moro, é o mesmo da capital Goiânia.

aquela história e aqueles sujeitos daquela maneira. A pergunta que fiz ao terminar a leitura, e que veio a se tornar a principal pergunta deste trabalho foi: quem são esses sujeitos cuja história não merece ser contada?

A facilidade com que um discurso das grandes corporações jornalísticas é assumido e difundido, e a forma como juízos de valor são acionados como verdade estabelecida e irrefutável levaram-me a desejar a construção de um texto que problematizasse como o outro é notado e falado nos e por esses discursos, e, de modo mais específico, como o adolescente em conflito com a lei, esse “sujeito infame”, é projetado pelo discurso midiático jornalístico. A relevância que a mídia exerce na construção do imaginário, influenciando as relações de nossos grupos sociais, impulsionou-me a estudar e a querer compreender como esse mecanismo de comunicação/controla enuncia a respeito de um grupo.

Partindo dessas inquietações, selecionei, para este percurso, reportagens sobre o incêndio, veiculadas nos portais de notícias *online* de jornais regionais e nacionais, convencionais e independentes, veiculadas na *internet*, entre 25 de maio de 2018 e 9 de julho de 2019. Compõem o *corpus* 10 reportagens (ou melhor, 11): quatro do *G1*, uma de *O Globo*, uma do jornal *Justificando*, uma de *O Popular*, uma do jornal *Ponte*, uma do *El País* e uma do *Emais Goiás*. Em um conjunto de mais de 30 reportagens produzidas sobre o tema no ano de 2018, estas foram selecionadas por sua complexidade e abrangência. Tanto por sua extensão quanto pela reiteração de informações, o que me possibilitou construir as análises. Algumas, como as do jornal *Emais Goiás* e *Justificando* foram escolhidas por que delas observasse em especial os títulos. Também julguei necessário encontrar notícias que dessem conta de todas as etapas do processo judicial que se seguiu após o incêndio. As demais reportagens encontradas me pareceram insuficientes, ou por serem relatos muitos curtos ou por serem reproduções

de outras, em geral, das que selecionei. Outra dificuldade para acessar algumas notícias dá-se pelo fato de alguns sites serem restritos a assinantes, o que não impossibilitou o trabalho de coleta, já que, nestes casos é possível realizar um cadastro para abrir a notícia.

Para analisar como são tratados diferentes sujeitos pelos veículos midiáticos, trago ainda uma reportagem sobre a morte de 10 adolescentes também em um incêndio, desta vez no Ninho do Urubu, Centro de Treinamento do time de futebol Flamengo, no Rio de Janeiro, ocorrido em 2019. Nessa notícia os jovens são enunciados como potenciais para o futuro, de forma que essa reportagem é fundamental para a compreensão desse tratamento jornalístico dado aos sujeitos distintamente.

O eixo central da reflexão consistiu em entender como se constrói o acontecimento discursivo nas e pelas reportagens selecionadas, com o objetivo de observar como os sujeitos são produzidos, silenciados e culpabilizados pelos discursos inscritos nas reportagens em estudo. Com base nas teorias da Análise do Discurso foucaultiana, faço inicialmente a descrição das reportagens, como também a observação da formulação de alguns dos enunciados, tendo em vista o modo como eles são dispostos na plataforma de leitura e podem interferir na percepção do leitor e levá-lo a assumir posicionamentos a respeito dos temas noticiados.

O objetivo de minha abordagem passa por compreender como os mecanismos discursivos foram usados para construir as reportagens que relatam o acontecimento do dia 25 de maio de 2018 no Centro de Internação de Goiânia, de modo a perceber as aproximações e os distanciamentos entre os enunciados a respeito do incêndio e seus envolvidos, em especial os 10 adolescentes mortos. A partir desses apontamentos, surgiram as seguintes questões: Quais discursos estão materializados nas reportagens? De onde falam aqueles que são chamados a se posicionar em cada uma delas? Que saberes sobre os sujeitos

mortos estão delimitados na construção dessas materialidades que são as notícias sobre o incêndio? Como são objetivados os adolescentes do Centro de Internação e os adolescentes do Centro de Treinamento do Flamengo? Há ou não diferenças?

Esta pesquisa, como indicado, não foi feita partindo de uma única pergunta, mas de muitas, as quais serão retomadas e desdobradas, talvez pela inquietação que elas me causam ou porque perguntas sejam mais eficazes em aguçar um olhar crítico. E justamente dedicar um olhar atento ao *corpus*, desnaturalizando leituras, é o que pretendo fazer; não elucubrações teóricas ou descobertas dramáticas, nem ainda uma escrita academicista, enfadonha e engessada, de difícil compreensão para leitores iniciantes ou não habituados a determinados jargões de dada escrita científica, composta por aqueles que defendem o distanciamento entre pesquisador e seu objeto de pesquisa. Em tempos em que o olhar é domesticado, vale o esforço de perceber os detalhes e as minúcias dos e nos discursos, a fim de fugir de atitudes de leitura passiva e automática, seja de notícias ou de textos diversos. Não existe, todavia, pretensão de responder a todas as indagações, entretanto, baseando-se nelas, produzir inquietações e problematizar como os segmentos midiáticos constroem modos de ver e falar sobre o acontecimento em tela.

Acredito que para perceber os detalhes de um objeto de análise, além de um olhar direcionado e atento, é necessário compará-lo com outros. Por isso, este exercício de leitura analítica passa por: comparar os enunciados das notícias divulgadas na data do acontecimento com aquelas divulgadas posteriormente; apontar como as informações díspares são abordadas, as vozes de outros sujeitos e de instituições são acionadas, e como elas se confrontam, se refutam ou se reafirmam; observar o que é dito e o que é silenciado nas abordagens, e como isso é construído a partir de posições de sujeitos, da historicidade linguística e das relações de poder-saber entre os sujeitos e instituições

envolvidos. No exercício de comparação entre as reportagens, as diferenças e peculiaridades de cada uma se apresentam.

Interessa-me, como professora e pesquisadora da linguagem, problematizar o lugar “dado” à linguagem e ao discurso em diferentes espaços sociais. Vislumbro, como hipótese, que o funcionamento discursivo no jornalismo da grande mídia, em geral, normatiza, silencia e apaga as identidades e as histórias dos sujeitos envolvidos no acontecimento histórico e discursivo em estudo; toma, sem questionar, determinados sujeitos como inocentes e outros como culpados, em lugares sociais demarcados; autoriza o discurso de uns em detrimento de outros e seleciona quem pode ou não falar sobre o caso. Todas essas questões são interdependentes e compõem o direcionamento deste estudo.

Para entender posicionamentos discursivos controversos como os que estão delimitados no *corpus*, a Análise do Discurso foucaultiana se torna uma ferramenta pertinente, por tratar os enunciados para além de sua forma linguística, considerando-os um acontecimento e observando-os em sua historicidade. Os questionamentos e as afirmações de Michel Foucault (1988, 1995, 1996, 1999, 2003, 2008a, 2008b, 2010) funcionarão como a caixa de ferramentas nesse processo. Porém, sabendo que eles não dão todas as respostas ou, possivelmente, não atendam a todas às necessidades da observação, os modos de pensar com Foucault são complementados com saberes outros, olhares outros sobre a sociedade, as relações e os discursos relativos ao objeto de pesquisa (as reportagens sobre o incêndio em Goiânia e no Rio de Janeiro), dentro os quais destaco Borges (2019), Mbembe (2018), Orlandi (2015) e Gregolin (2007), para refletir, respectivamente, sobre o encarceramento, a necropolítica, o silêncio e a mídia.

O livro está dividido da seguinte forma: O primeiro capítulo é dedicado a descrever a materialidade das notícias coletadas e a observar as aproximações e distanciamentos entre

elas. Para isso, faço um recorte dos discursos materializados nos jornais, desanexando os enunciados e reagrupando-os de acordo com as sequências discursivas que giram em torno de séries enunciativas para pensar as regularidades e dispersões do discurso midiático. Apresento quatro quadros comparativos, por grupos de reportagens, utilizando os títulos e subtítulos (linhas finas) para essa comparação. Observo os elementos lexicais enquanto enunciados que constroem o acontecimento discursivo, quais são os sujeitos autorizados a falar sobre o fato e como esse lugar de fala autorizado está inscrito em relações de saber-poder. Destaco que o *site G1*, plataforma que mais noticiou o incêndio, foi também o que menos problematizou sobre os adolescentes, vítimas dele. Como é possível narrar uma história, apagando seus personagens?

No capítulo 2, seleciono quatro reportagens do *G1* e uma de *O Popular*, para, usando a perspectiva foucaultiana sobre o poder, perceber o funcionamento do discurso desse setor da mídia jornalística sobre o incêndio e interpretar o que é dito e o que é silenciado nessas abordagens. A percepção de apagamento dos sujeitos vítimas do incêndio se evidencia quando é feito o batimento entre as reportagens do *G1* e outras, como da *Ponte* ou *El País*, os quais entrevistaram as mães e familiares dos adolescentes mortos. Destino o capítulo 3 às matérias desses dois canais jornalísticos, pensando-as a partir das reflexões de Orlandi (2015) sobre o silêncio, de Gregolin (2007) sobre a mídia e de Foucault (2003) sobre os sujeitos infames.

No capítulo 4, próximo de concluir as considerações sobre o modo como a narrativa jornalística se organiza e narra acontecimentos, tendo em vista diferentes sujeitos ouvidos ou silenciados nas notícias, utilizo uma reportagem sobre a morte dos 10 adolescentes no Ninho do Urubu em 2019. Como sinalizado anteriormente, faço uma comparação com a notícia do *site G1* a respeito dos 10 adolescentes mortos no Centro de Internação de Goiânia, um ano antes, a fim de observar

como discursos sobre a morte, em circunstâncias similares (incêndios), de sujeitos distintos e que ocupam posições específicas na sociedade e no imaginário brasileiro emergem na mídia. Nesse capítulo, penso com Foucault (1988, 1999, 2003), Mbembe (2018), Coracini (2003) e outros autores sobre as noções conceituais de biopolítica, racismo de Estado, necropolítica, e sobre o sujeito infrator na sociedade brasileira.